

INFORMAÇÕES

Serões de Arte e Cultura: Na próxima 4ª feira, dia 14, haverá mais um “Serão” no Auditório do Instituto Católico, às 21 h., desta vez sobre “A Bíblia e a luta contra a idolatria”. Aberto a toda a gente e gratuito, é um bom meio de formação cristã. Participe!

Reunião da Comissão Fabriqueira: Na próxima 5ª feira, dia 15, às 21 h., no Centro de Convívio. Se tem alguma sugestão ou crítica a apresentar à Comissão Fabriqueira apareça, pois há sempre um espaço “antes da ordem do dia” para isso, no início das reuniões.

Encontro Missionário: No próximo domingo, dia 18, das 14,30 às 17 h., vai realizar-se o Encontro Missionário anual, promovido pelos Missionários Combonianos. Será no Salão Paroquial de S. Domingos, paróquia de Monserrate – Viana. É aberto a toda a gente, sendo importante sobretudo para os jovens. Participe!

MISSAS

Dia	Hora	Intenções
12	Seg 18,30	José Bastos; Luís Miranda e familiares; João Alberto, José Joaquim, Manuel Alves e Júlia Fernandes; Rui Manuel Pereira da Silva; José Guilherme de Abreu e Maria Beatriz de Abreu
13	Ter 18,30	Carolina de Miranda e João Mesquita; Laura Alves; Hermínia de Jesus e António da Costa
14	Qua 18,30	Manuel Jesus Ribeiro; Maria Isabel Coelho Fernandes
15	Qui 18,30	Manuel Viana, Rosa Vaz e Luzia Vaz; António Enes Baganha e Maria Fernandes Alves Loroto
16	Sex 18,30	Júlio de Matos Couteiro e familiares; Rosa Lourenço Cerqueira, José Rodrigues Alves e familiares; Teresa Miranda e Alice Mota; Marta Pereira dos Reis e João Fernandes Soares
17	Sáb 18,30	Manuel Falcão, Marcelino de Jesus, José Pereira; João Dias Chaves; Inácio Miranda e família; Joana Negrão e marido; Manuel Mendes; José Castro; Armando Martins Arezes e Ilda Amoroso; Romão Pires Gonçalves; Jeremias Fernandes Gonçalves
18	Dom 9,45	José Luís Cruzeiro, José Martins Barbosa; Alice Pereira de Passos; Arlindo da Guia Silva; José Mota; Dorinda Gonçalves Carvalho e João Agostinho da Silva; Manuel Basílio Barcelos Lima

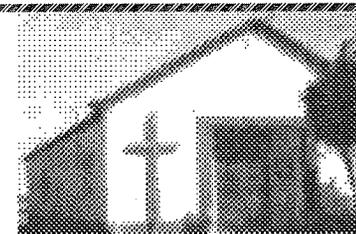
PARÓQUIA VIANA

Nº 125 – 11/01/2004

Boletim Litúrgico-informativo • Senhor do Socorro - Viana do Castelo

Telefone: 258 83 50 86 / 258 80 67 56 / Telemóvel: 93 63 22 123 / Fax: 258 80 67 59

E-mail: paroquia.socorro@sapo.pt / Web: paroquiasocorro.no.sapo.pt • Sai todos os Domingos e Dias Santificados



Batismo do Senhor – Ano C



«Jesus também foi baptizado; ... o Espírito Santo desceu sobre ele em forma corporal, como uma pomba. E do Céu fez-se ouvir uma voz: “Tu és

o meu Filho muito amado: em Ti pus toda a minha complacência”» (Evangelho)

UM COMPROMISSO SEMPRE ACTUAL: EDUCAR PARA A PAZ

MENSAGEM DE JOÃO PAULO II PARA O DIA MUNDIAL DA PAZ

(Continuação)

O silabário da paz

3. Pela minha parte, no curso destes vinte e cinco anos de Pontificado, procurei seguir pelo caminho empreendido pelo meu venerado Predecessor. Na aurora de cada novo ano, convidei as pessoas de boa vontade a reflectirem sobre vários aspectos duma ordeira convivência, à luz da razão e da fé.

E deste modo nasceu uma síntese doutrinal sobre a paz, constituindo como que um silabário sobre este argumento fundamental: um silabário simples de compreender para quem tenha o espírito bem disposto, mas ao mesmo tempo extremamente exigente para toda a pessoa sensível à sorte da humanidade.(3)

As várias faces do prisma da paz foram já abundantemente ilustradas. Agora falta apenas agir, para que o ideal da convivência pacífica, com as suas exigências concretas, penetre na consciência dos indivíduos e dos povos. O esforço de educar a nós mesmos e aos outros para a paz, nós, cristãos, sentimo-lo como fazendo parte da índole mesma da nossa religião. De facto, para o cristão proclamar a paz é anunciar Cristo que é « a nossa paz » (Ef 2, 14), anunciar o seu Evangelho que é « Evangelho da paz » (Ef 6, 15), chamar todos à bem-aventurança de ser « obreiros da paz » (cf. Mt 5, 9).

A educação para a paz

4. Já na Mensagem para o Dia Mundial da Paz de 1 de Janeiro de 1979, eu lançara este apelo: « Para alcançar a paz, educar para a paz ». Hoje isto é ainda mais urgente, porque os homens, à vista das tragédias que continuam a afligir a humanidade, sentem-se tentados a ceder ao fatalismo, como se a paz fosse um ideal inacessível.

Ao contrário, a Igreja sempre ensinou, e ensina ainda hoje, um axioma muito simples: a paz é possível. Mais, a Igreja não se cansa de repetir: a paz é um dever.

(Continua na pág. 3)

Festa do Baptismo do Senhor – Ano C

LITURGIA DA PALAVRA

TU ÉS O MEU FILHO – A missão do *Servo de Javé* é a de implantar entre os homens o direito e a justiça. Ele cumpre esta missão inspirado pelo dom do Espírito, revelando aos homens a vontade de Deus (*I leitura*).

No momento oportuno, *Jesus de Nazaré foi baptizado* e, autorizado por Deus, começou a Sua missão profética. Inaugurava-se assim a era messiânica, tão ardentemente esperada (*Evangelho*).

É verdade que Jesus Cristo anunciou o Evangelho aos judeus, mas Deus não se opõe aos gentios que queiram aderir a essa novidade definitiva, garante Lucas no episódio da *conversão de Cornélio* (*II leitura*).

1ª leitura: Is. 42, 1-4,6-7

«**Eis o meu servo, enlevo da minha alma**» – A figura misteriosa do Servo do Senhor, que, através dos séculos, alimentou a fé de Israel, alcançará o seu pleno cumprimento em Jesus Cristo. Ele é o Servo, não só porque entra na linha dos grandes servos, como Moisés e os Profetas, mas sobretudo porque Ele foi o único que pôde propor a todos os homens um SIM filial e absoluto ao Pai. E o Baptismo no Jordão significa a Sua unção como Servo, como «Filho muito amado», e Salvador dos homens.

2ª leitura: Act. 10, 34-38

«**Deus ungiu-O com o Espírito Santo**» – S. Pedro proclama, em casa do centurião Cornélio, a Boa Notícia da Salvação e o primeiro grupo de pagãos, aceite pela Fé a mensagem que lhes é dirigida, quebrados os laços do passado pelo arrependimento e recebido o Baptismo, entra na Igreja, que começa assim a expandir-se para além das fronteiras do Judaísmo.

A manifestação do Espírito Santo, que acompanha o Baptismo, é sinal de que junto de Deus não há discriminação de qualquer género, pois todos são chamados a incorporar-se em Cristo pelo Baptismo, integrando-se na grande família de Deus.

Evangelho: Lc. 3, 15-16,21-22

«**Jesus foi baptizado e, enquanto orava, abriu-se o Céu**» – O cristão, ungiado de fortaleza pelo Espírito Santo, a partir do seu Baptismo, passa também a ser, à semelhança de Jesus, um «designado», um «enviado». O Espírito Santo tomou posse dele e guia-o, desde esse momento, não só para poder guardar a vida nova, que recebeu, e cumprir as promessas feitas, mas também para ser testemunha de Cristo e luz dos seus irmãos. «Inseridos pelo Baptismo no Corpo Místico de Cristo, é pelo Senhor mesmo que os cristãos são destinados ao apostolado» (AA. 3).

Hipocrisia

Retiro da revista “AMI NOTÍCIAS” n.º 28 do 2.º trimestre de 2003: “Ser contra a intolerância é simplesmente ser pela aceitação do outro com as suas diferenças, é simplesmente não fazermos aos outros o que não gostaríamos que nos fizessem a nós. É não humilharmos o outro com a nossa prepotência, arrogância e superioridade mas estendermos-lhe uma mão amiga, aberta para tentarmos continuar juntos”. Ora, o que vemos vezes demais, e não só a nível global mas no nosso próprio ambiente de trabalho, mesmo na nossa paróquia? Um desejo infrene de afirmação e protagonismo, a convicção feita certeza de que somos os únicos detentores da verdade e, em consequência, a marginalização dos outros, a indiferença perante os outros, o ostracismo dos outros. E tudo isto à mistura com toda a hipocrisia “do mundo”! Que a arrogância, a incoerência, a brusquidão, a vaidade é sempre dos outros! Nós “eternamente” compreensivos, tolerantes, coerentes, suaves, humildes!

Tenhamos tino! Já que não conseguimos ou não queremos conhecer-nos a nós próprios – correríamos o risco de tomar consciência da nossa maneira pequenina e vesga de ver os outros! – ao menos não caiamos na tentação de “passar” a imagem de sermos o que de facto não somos. É que, além do mais, o ridículo mata!

Maria Elisa Taborda - Porto

UM COMPROMISSO SEMPRE ACTUAL: EDUCAR PARA A PAZ (Continuação)

Esta há-de ser construída sobre as quatro colunas indicadas pelo Beato João XXIII na Encíclica *Pacem in terris*, ou seja, sobre a verdade, a justiça, o amor e a liberdade. Portanto, a todos os amantes da paz impõe-se uma obrigação, que é educar as novas gerações para estes ideais, a fim de preparar uma era melhor para a humanidade inteira.

A educação para a legalidade

5. Neste dever de educar para a paz, insere-se com particular urgência a necessidade de levar os indivíduos e os povos a respeitarem a ordem internacional e a observarem os compromissos assumidos pelas Autoridades, que legitimamente os representam. A paz e o direito internacional estão intimamente ligados entre si: o direito favorece a paz.

Desde os alvares da civilização, os grupos humanos que se iam formando tiveram o cuidado de estabelecer entre si acordos e pactos que evitassem o uso arbitrário da força e permitissem tentar uma solução pacífica das controvérsias à medida que iam surgindo. Deste modo, ao lado dos ordenamentos jurídicos dos diversos povos constituiu-se progressivamente outro conjunto de normas, que foi designado com o nome de *jus gentium* (direito das nações). Com o passar do tempo, este direito foi-se alargando e definindo à luz das vicissitudes históricas dos vários povos.

Este processo registou uma forte aceleração com o nascimento dos Estados modernos. A partir do século XVI, juristas, filósofos e teólogos empenharam-se na elaboração dos diversos capítulos do direito internacional, ancorando-o em postulados fundamentais do direito natural. Ao longo deste caminho ganharam forma, com força sempre maior, princípios universais que são anteriores e superiores ao direito interno dos Estados, e que têm em conta a unidade e a vocação comum da família humana.

Dentre tais princípios ocupa seguramente lugar central o que afirma: *pacta sunt servanda*, os acordos livremente subscritos devem-se honrar. Tal é o fulcro e o pressuposto irrevogável de qualquer relação entre partes contraentes responsáveis. A sua violação não pode deixar de dar início a uma situação de ilegalidade e de consequentes atritos e contra-posições que hão-de ter repercussões negativas duradouras. Torna-se oportuno lembrar esta regra fundamental, sobretudo nos momentos em que se nota a tentação de fazer apelo mais ao direito da força que à força do direito.

Um destes momentos foi, sem dúvida, o drama que a humanidade experimentou durante a II Guerra Mundial: um turbilhão de violência, destruição e morte como nunca antes se tinha conhecido.

(Continua)